

Criatividade abaeteense: nosso modo de falar

Rafaella Capela Leão (*)

rafaella.leao@ig.com.br

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

(Portugal)

Celda Morgado Choupina (**)

celda@ese.ipp.pt

Escola Superior de Educação – IPP

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto

(Portugal)

Laura Arruda Oliveira (***)

lgarruda@hotmail.com

Faculdade de Letras da Universidade do Porto,

(Portugal)

RESUMO. Este artigo desenvolve-se no campo da dialectologia do português brasileiro, fundamentando-se num breve *corpus* de um falar amazônico. Tem como objetivo principal fazer o levantamento de processos de formação do léxico desse falar, apresentando as riquezas vocabulares do caboclo amazônico e mostrando sua capacidade de criar e fazer adaptações, construindo assim um linguajar único. Neste estudo, inclui-se um pequeno glossário que contém regionalismos, interjeições típicas e expressões que desviam da norma-padrão. Finalmente, são analisados processos fonológicos, sintáticos e morfológicos que ocorrem principalmente na oralidade do linguajar abaeteense.

PALAVRAS-CHAVE. dialectologia, regionalismo, processos de formação do léxico, oral e escrita.

ABSTRACT. This article developments in field of dialectology in Brazilian Portuguese, basing on a brief *corpus* of Amazon speaking. Its the main objective is to survey processes of information of lexicon of that speaking, showing the riches of the Amazon caboclo vocabulary and its capacity of create and to have adaptions, so creating a single language. In this study is included a small glossary that contains regionalism, typical interjections and expressions that deviate from the normal model. Finally, the phonological, morphological and syntactic processes are analysed and they have occurrence mainly in the oral language from Abaeté.

KEY-WORDS. dialectology, regionalism, formation processes of the lexicon, and writing.

* Estudante do Curso de Mestrado em Linguística, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

** Estudante do Curso de Mestrado em Linguística, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

*** Estudante do Curso de Doutoramento em Linguística, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

1 - Introdução

Este artigo resulta do desenvolvimento de um breve estudo apresentado no âmbito do seminário de Linguística Histórica, do Mestrado em Linguística. Tendo por base o linguajar de uma região da Amazônia, Abaetetuba, pretendemos apresentar a maneira curiosa e criativa que o caboclo dessa terra encontrou para desenvolver a sua comunicação. O Linguajar abaeteense é uma rica representação de uma língua típica da Amazônia, transmitida de geração-a-geração, representando uma cultura interiorana que vem tentando resistir à “globalização do modo de falar”.

Este estudo mostra a preservação e valorização da identidade vocabular deste povo. E para que este estudo fosse realizado tivemos a contribuição do professor Jorge Machado, do município de Abaetetuba, que através do seu Glossário Abaeteense nos proporcionou uma base teórica e conhecimento de palavras e expressões do caboclo. Este estudo beneficiou ainda os juízos de valor das duas autoras nativas da Amazônia.

Partindo do glossário apresentado, será feita uma análise linguística com os seguintes objetivos: (i) dar conta dos processos que permitem formar o léxico abaeteense; (ii) evidenciar traços característicos desse léxico, ou oral ou escrito; (iii) ilustrar casos fonológicos, sintáticos e morfológicos de desvio à norma-padrão.

2 - Enquadramento teórico

A dialectologia estuda, pois, as variações linguísticas delimitadas no espaço geográfico e nos agrupamentos sociais dos diferentes sistemas linguísticos ou dialetos que caracterizam as diversificações de uma língua, restritas ao espaço geográfico que ocupa. Seu campo de estudos é, consequentemente, os falares regionais com suas delimitações geográficas, caracterizadas por diferenças próprias na fonética, no léxico, na gramática.

Nas duas últimas décadas têm sido feito um grande esforço descritivo e interpretativo a respeito da constituição do português do Brasil, podendo destacar-se três grandes linhas de trabalho, segundo Pagotto (2005) :

1. A estrutura gramatical do português do Brasil
2. Os processos de variação no âmbito das cidades e dos territórios
3. Os processos históricos de constituição do português do Brasil e seus dialetos

Nessas perspectivas, podemos considerar que esses processos linguísticos são as expressões reais da diferença do Português Brasileiro dentro do Brasil e essas diferenças definem

claramente as diferenças regionais e sociais. Com isso, podemos considerar que a variação linguística engloba os vários falares que ocorrem entre os falantes de uma língua.

No Brasil temos muitos falares e justificamos este fato não apenas pelos motivos históricos que levaram à formação de nossa língua, mas também pelo fato de termos recebido influências de outras línguas. Em nosso país, além das línguas indígenas e as línguas trazidas pelos imigrantes, falam-se diferentes variedades da língua portuguesa, cada uma delas com características próprias, com diferenças regionais em seu status social, mas todas com nexo linguístico entendível. “Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. [...] a essas formas de variação dá-se o nome de “variantes”. “Variantes linguísticas” são, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística” (Tarallo 2003: 8).

As variações linguísticas são as diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza histórica, regional, social ou situacional. Essas variações podem ocorrer a nível fonético e fonológico, morfológico, sintático e semântico. Assim, podemos considerar cinco campos de estudo da variação linguística.

1.º - Variação diacrónica (do grego *dia* + *kronos* = ao longo de, através de + tempo): as diversas manifestações de uma língua através dos tempos.

2.º - Variação sincrónica (do grego *syn* = simultaneidade): as variações num mesmo período de tempo.

3.º - Variação diatópica (do grego *topos* = lugar), geolinguística ou dialetal: a variação relacionada com fatores geográficos (pronúncia diferente, diferentes palavras para designar as mesmas realidades ou conceitos, acepções de um termo diferentes de região para região, expressões ou construções fráscas próprias de uma região).

4.º - Variação diastrática (do grego *stratos* = camada, nível): modos de falar que correspondem a códigos de comportamento de determinados grupos sociais. O *socioleto* é uma variedade linguística partilhada por um grupo social que o demarca em relação a outros (por exemplo, as gírias). O *tecnoleto* (ou linguagem técnica) consiste na utilização de termos que designam com rigor elementos de determinada área do conhecimento (literatura, artes, ciência, medicina, etc.).

5.º - Variação diafásica (do grego *phasis* = fala): variação relacionada com a diferente situação de comunicação, variação relacionada com fatores de natureza pragmática e discursiva: em função do contexto, um falante varia o seu registo de língua, adaptando-o às circunstâncias. O *idioleto* é a maneira própria de cada falante usar a língua: o uso preferencial de determinadas

palavras ou construções fráscas, o valor semântico dado a um ou outro termo, etc. Há tantos idioletos quantos os falantes.

Outro assunto em questão é a norma linguística que de acordo com Camelo (1997), está associada à determinação do que deve ou não ser considerado erro. Alguns linguistas fazem questão de se insurgir contra qualquer possível iniciativa reguladora, pretendendo que aqueles que tentam determinar o que é erro estão de costas voltadas para a «realidade dinâmica da língua» (que, aliás, nunca esclarecem em termos práticos), que se apropriam indevidamente de um poder que é de toda a comunidade linguística (seria o referendo a solução?), enfim, que ignoram os contributos de Saussure e de Chomsky, permanecendo agarrados a uma normatividade redutora, à boa moda dos gramáticos do século XIX.

Um reparo que parece impor-se reside na separação a fazer entre, por um lado, o carácter descritivo e explicativo da linguística sincrónica enquanto reflexão sobre o funcionamento do sistema linguístico e, por outro, o carácter intrinsecamente normativo da língua padrão - a oral e a escrita -, sob pena de se instalar uma divergência irremediável entre a oralidade e a escrita, afinal realizações diferentes do mesmo sistema.

Não parece de todo legítimo que, pelo fato de se poder explicar que as formas "tênhamos" e "póssamos" resultam de uma tendência sentida pelo falante (independentemente até do nível cultural) para a regularização do padrão acentual do Presente do Conjuntivo ou que (tu)"dissestes" resulta de uma tendência regularizadora do padrão flexional da 2.^a Pessoa do Singular, se possa daqui concluir que tais formas, presentemente, não são claramente erros. Outro caso corrente é o do verbo «haver» impessoal que, à excepção do Presente do Indicativo, apresenta formas de singular e plural; esta tendência é de tal modo forte que até em formas perifrásticas se faz já sentir ("Vão haver reuniões sobre o assunto").

Assim, descrever e explicar desvios padronizados ou padronizáveis (tarefa da linguística enquanto reflexão sistemática sobre os processos da língua) não implica, automática e acriticamente, que a norma-padrão os aceite e os integre, exatamente porque ninguém pode prever como é que a comunidade no seu todo irá reagir a esta ou aquela inovação.

Segundo Prada (2007), ao falarmos de desvio de língua, temos subjacente uma ideia tradicional de norma ou padrão, que pode ser interpretada como uma espécie de linha ou nível zero da linguagem, correspondendo a uma realização ideal, na qual se não cometem erros ou desvios, face àquilo que Bechara, na Moderna Gramática do Português, chama o saber idiomático de uma dada língua e que é composto pelo conjunto de regras dessa mesma língua, encaradas de uma forma abstrata, ou seja, potencial e não associada a nenhum texto em concreto.

Diante do exposto, a autora afirma que é a partir deste nível zero que se definem os outros níveis da língua, aos quais pode ser atribuído um valor positivo, se corresponderem a realizações cuidadas ou literárias da língua, ou um valor negativo, se pensarmos em linguagem popular ou familiar. Em última análise, face à norma, estes diversos níveis podem ser considerados desvios de língua, pois, idealmente, existiria uma forma de comunicar que, sendo neutra — sem recurso a processos de expressão tradicionalmente associados aos níveis de língua mais elevados e sem outros modos de criatividade linguística característicos da linguagem popular ou familiar —, veicularia sempre o mesmo sentido e seria sempre realizada da mesma forma, independentemente dos falantes envolvidos.

Porém, uma língua viva é uma língua em mudança constante, numa adaptação dinâmica da norma ideal às realizações de um indivíduo ou de um grupo. Esse fato implica que, associados à norma, ocorram aspectos considerados equivalentes que ratificam, digamos assim, um conjunto de variantes, fazendo da norma, não uma linha uniforme, mas uma faixa que abranja um certo número de variações. Esta realidade, além de uma certa liberdade nas produções linguísticas, ou talvez por nos dar essa liberdade, continua a não ser estanque, deixando “morrer” um conjunto de práticas ao mesmo tempo que permite a introdução de outras novas, que, gradualmente, se vão impondo, tornando norma.

Tendo em conta o exposto, poderíamos dizer que, do ponto de vista normativo e assumindo como referência o nível padrão da língua, é considerada desvio de língua a realização que, num dado momento, se não enquadre nas possibilidades reconhecidas como corretas. Este processo é, sobretudo, controlado socialmente, havendo uma classe mais culta ou mais letrada que condiciona a aceitação de novas realizações. E se considerarmos como mudança qualquer alteração sofrida pela língua entendida como entidade abstrata, serão consideradas desvios todas as que, num momento específico, não forem reconhecidas como fazendo parte da faixa de realizações consideradas corretas, ou seja, da língua-padrão.

Para Prada (2007) o problema continua por resolver face a mudanças que identificamos, que sabemos que existem, mas que ainda não aceitamos como corretas. E creio que é este o verdadeiro *busilis* da questão. As mudanças que fazem evoluir a língua começam por ser consideradas erros e, à medida que se vão impondo, acabam por ser aceites e por entrar na norma. E isto conduz-nos a uma pergunta que é o inverso da que coloca: Quando é que uma mudança linguística deixa de ser considerada, à luz da norma, um desvio de língua? Poderemos talvez dizer que isso acontece quando a classe culturalmente dominante integra essas mudanças, intuitivamente, no seu discurso.

Importa ainda referir que, com a evolução dos estudos linguísticos, ao conceito de norma ou padrão tal como foi apresentado neste texto, acrescem outros conceitos que ratificam e consideram apropriadas outras formas de expressão, ou normas específicas, que caracterizam determinadas comunidades ou regiões quando produzem textos, orais ou escritos, no espaço geográfico ou social, que lhes é próprio. Essas normas particulares, ou regionais, não anulam nem chocam com a norma-padrão, pois enquanto esta é, por exemplo, ensinada em toda a comunidade de falantes de uma dada língua, aquelas são admitidas no espaço em que são válidas, mas não são objeto de aprendizagem formal e, a serem ensinadas, são-no apenas no espaço que as caracteriza (ou que caracterizam...).

Em síntese, face à norma, qualquer variação linguística começa por ser um desvio. O que acontece é que alguns desvios, por serem “cometidos” em obras literárias — logo, acima do nível zero, são considerados positivos —, sendo de imediato associados a um estilo próprio e, potencialmente, identificados como traço estilístico a respeitar e, até, a imitar. É como se fosse uma variação por via erudita, a par da variação comum que gradualmente se vai impondo qual variação por via popular...

3 - Linguajar Abaeteense

2.1. – Denominação do Município

Abaetetuba foi desmembrado do território da capital do Estado em 1880, de acordo com a Lei nº 973, de 23 de Março, que também constituiu o município como autónomo. Um ano depois, em 1881, o presidente interino da Câmara em Belém, José Cardoso da Cunha Coimbra, instalou-se no município à Câmara Municipal de Abaeté.

Francisco de Azevedo Monteiro, historicamente considerado o fundador, pois, nesse território, fundou um pequeno povoado, em 1724. A região também foi ocupada por frades Capuchos, que fundaram o Convento do Una, e ainda, pelos jesuítas, que instalaram a freguesia de São Miguel de Beja. O nome primitivo do município era Abaeté que, na língua tupi, significa “homem verdadeiro”. Por meio do Decreto Lei nº 4.505, de 30 de dezembro de 1943, foi instituído o nome Abaetetuba. Atualmente, o Município é composto pelos distritos de Abaetetuba (sede) e Beja.

Dentre os principais fatos que afetaram a circunscrição legal do Município, convém salientar: a criação da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Abaeté, em 1827, através da Lei de 15 de outubro; a Divisão Judiciária estabelecida pelo Governo Provincial em maio de 1833, que anexou Abaeté ao território da Capital do Estado, cuja a jurisdição pertencia originalmente; a

incorporação de Abaeté ao Município de Igarapé-Miri, em 1844, através da Lei nº 118, de 11 de setembro; a anexação de Abaeté, novamente, ao Município de Belém, mediante a Lei nº 885, de 16 de abril de 1877; a elevação de Abaeté a categoria de Vila e, portanto, de Município pela Lei nº 973, de 23 de março de 1880; a extinção da Câmara Municipal, através do Conselho de Intendência Municipal pelo Decreto nº 37; a elevação de Abaeté à condição de Cidade, mediante a Lei Estadual nº 324, de 6 de julho de 1895; e a mudança da denominação de Abaeté para Abaetetuba, em 1943, pelo Decreto-lei nº 4.505, de 30 de dezembro, instituído em decorrência da duplicidade de nomes que se registravam em várias cidades brasileiras.

2.2. – Origem da designação “Abaeteense”

O assunto estudado viabiliza o reconhecimento da identidade cultural interiorana. O município de Abaetetuba através de seu vocabulário rico em expressões amazônicas nos possibilita o conhecimento de palavras diferentes, curiosas, sonoras e engraçadas.

A cidade deve seu nome a linguagem tupi. A palavra se desdobra em aba (homem) ete (forte) tuba (lugar onde há abundância). Logo, Abaetetuba significa lugar em que há muitos homens fortes. O nome foi reduzido para Abaeté. É uma das poucas cidades do Pará que mantém o nome de origem indígena. Sendo assim, a linguagem indígena teve forte influência na criação e adaptação de palavras e expressões abaeteenses.

Não seria possível esgotar todas as expressões possíveis, do modo de falar. Deve haver muito mais, porém aquelas aqui listadas já permitirão uma conversa inteligível com o caboclo. Algumas palavras são de gênese completamente cabocla. Outras são corruptelas de expressões do vernáculo. Uma terceira categoria reúne palavras que a despeito de serem faladas e escritas no português padrão tem o significado diverso daquele oficial. *Alagar*, por exemplo, na Amazônia pode significar “ir a pique, naufragar”. *Abade*, não designa religioso, mas o fino papel que embrulha o cigarro feito artesanalmente pelo caboclo picando fumo, que em Portugal recebe o nome de *Mortalha*.

Portanto, este estudo reúne na verdade o conhecimento e significado de palavra típicas do linguajar amazônico e não somente de Abaetetuba o que seria impossível, uma vez que existe várias influências vocabulares. Vale salientar que palavras sofrem trocas fonéticas adquirindo sonoridade diferentes, assemelhando-se com o francês como: já me vú.

4 - *Análise de palavras e expressões do linguajar regional abaeteense*

4.1 - *Glossário abaeteense*

O breve glossário a seguir apresentado contém algumas palavras e expressões do linguajar abaeteense falada pelo típico caboclo amazônico que procura se comunicar de maneira simples, graciosa, curiosa e engraçada.

Abaetetuba: [abaete'tuba] nome, feminino. Cidade do estado do Pará, na Amazônia.
aba (homem) + ete (forte) + tuba (lugar onde há abundância).

Abade: [a'badʒi] nome, masculino. Finíssimo papel de cigarro. O primeiro papel tipo vendido no Pará foi o fabricado por Abbadie, tomando o povo o nome pelo objeto. Daí, Abade seja o nome consagrado para o finíssimo papel que envolve o tabaco moído. “*Na ladainha, sumano deram pra nós umas fatia de goiabada que era paresque um abade de tão fina...*”

Aviú: [avi'u] nome, masculino. É um micro camarão que habita as águas rasas do rio Tapajós. “[*Minina*] pega o aviú pra nós comer.”

Açaí: [asa'i] nome, masculino. Fruto que provém das palmeiras amazônicas. “*Pega o açaí na geladera.*”

Acocho: [a'koʃu] nome, masculino. Aperto, amasso. Vulgarmente, pode significar bolinação. “*Ele deu um acocho nela e foi [sɨ]bora...*” “*Dê um acocho nesse ripão até ele vergar. Só depois pregue ele.*”

Adubado: [adu'badu] adjetivo, grau normal. Cheio, reforçado. Refere-se principalmente à comida. “*A bóia [ʃ]tava adubada. Tinha uma panela até bater de maniçoba...*”

Antes sesse: [ɛ̃tʃi'sesi] Antes fosse. Parece ser corruptela. “— *Mas num era do Raimundinho?*”, “— *Antes sesse... Paresque é de boto mesmo. O Raimundinho é preto e o piquenozinho é branco...*”

Atamancar: [atəmẽ'ka] verbo. Na falta de algo, tentar substituir por um semelhante, mas inferior. Quebrar o galho. Remediar. “— *Mas Doloca, tu não ias te casar com um doutor de Belém?*”, “— *Ia, piquena, ia... Mas como não achei, resolvi atamancar com este professor de Abaeté mesmo...*”

Baladeira: [bala'dere] nome, feminino. Estilingue. Rede de dormir.

“*Traz a baladera, piqueno! Vigia ali aquela pipira...*”, “*Meu amor ata a baladera, embação a beira desse rio mar.*” (Chico Sena)

Baqueado: [baki'adu] adjetivo. Ruim, mofino, indisposto, com a saúde abalada.

“*Mas rapaz, tu ta mesmo baqueado...*”, “*Pegue uma malária no Pacoval...*”

Boto: [b'botu] nome, masculino. Animal. mamífero nativo da amazônia. Lenda da região norte em que um rapaz seduz as moças desacompanhadas levando-as para o fundo do rio em alguns casos engravidando-as.

Cambar: [kẽ'ba] verbo. Dobrar, virar, fazer uma curva. “*Quando o senhor chegar confronte o engenho, o senhor cambia [prɔ] outro lado e entra no igarapé. Vai bater na casa dela... Mas cuidado que disque ela é Matinta Perera...*”

Caninga: [ka'nĩga] nome, feminino. Azar, infortúnio, má sorte. “— *Joguei na cobra, deu coelbo...*”, “— *Também, com essa tua caninga...*”

Carapanã : [karapa'nẽ] nome, masculino. Espécie de mosquito. “*o carapanã me picou*”

Corruptela: [coRupi'tɛla] nome, feminino. Corrupção; palavra ou expressão escrita ou pronunciada erradamente. Ver [ẽtʃi'sesi] e [d'ɨʃke].

Disque: [d'ɨʃki] Corruptela de “dizem que...” , “— *Disque o Robertão Carlos vem cantar em Abaeté...*”

Égua! [ɛgwa] interjeição. Palavra que se aplica em vários contextos discursivos, expressando raiva, surpresa, admiração, entre outros. “*Égua! tu vai me deixar doida!*” “*Égua! Tu tem sorte.*”, “*Égua, não acredito!*”, “*Égua, o carapanã levou farelo!*”.

Fajuto: [fa'ʒutu] adjetivo, grau normal. De má qualidade. “*essa roupa é fajuta*”

Hebe: [ɛbi] interjeição. Forma pedante de dizer Égua!, já que esta palavra pode ser tomada, às vezes, como vulgar ou mesmo chula.

Hen-hen: [ẽẽ] partícula afirmativa. Palavra tupi afirmativa. Sim. “— *Foste buscar o açai?*”, “— *Hen-ben... — Me dá um pouco?*”, “— *Hen- ben... Deixe um pouco pro Zequinha...*”

Igarapé: [igara'pɛ] nome, masculino. Rio pequeno. “*Sumano vamo toma banho no igarapé*”

Ilharga: [i'larga] locução prepositiva. No vocabulário paraense, ilharga tem significado ligeiramente diferente daquele no vernáculo. Aqui significa “*ao lado de...*”; “*próximo*”; “*às proximidades*”; “*Vem cá, piqueno! Vigia ali, na ilharga dela, a teba de surrucucu!*”.

Izipla: [i'iziplɐ] nome, feminino. Erisipela, afecção de pele. “*Foi depois daquele banho no igarapé que ele pegou essa izipla. Disque pisou num poço de sapo...*”

- Lapado:** [la'padu] adjetivo, grau normal. Algo feitos às pressas. Rápido, veloz. “Ele passou lapado por nós e pulou n’água já fungando. “*Quando boiou já era boto... Só ficou este chapéu branco na ponte e o filbo na piquenazinha...*”
- Maniçoba:** [mẽni'sɔbɐ] nome, feminino. Comida típica conhecida como feijoada paraense, de origem indígena. Seu prepara é feito com as folhas da maniva (mandioca). “*No Círio me enfartei de maniçoba*”
- Não dei na minha mãe...!:** [nẽwdej'namiɲɐ'mɐj] Não mereço isso. O que fiz pra merecer isso? Não façam isso comigo.
 “— *Tu vai remar até lá!*
 — *O quê? Eu não dei na minha mãe...! São três dias e três noites, mano! Mande logo vir a rabeta é que é...*”
- Panema:** [pɐ'nemɐ] adjetivo, ou nome, feminino. Azar, desventura, desdita. Má sorte em geral. Ser (ou estar) panema: ser reconhecidamente uma pessoa azarada, desafortunada. “*Essa [muj'ɛ] é muito panema*”
- Paresque:** [pa'reʃki] Corruptela de “parece que...” “*Paresque o piquenozinho foi [sĩ]bora*”
- Pipira:** [pi'pira] espécie de ave, pipira-ave. “*Vigia ali aquela pipira...*”
- Rabeta:** [ra'beta] nome, feminino. Tipo de barco não muito fundo usado em rios de pouca profundidade. “*Zezinho pega lá a rabeta.*”
- Rendengue:** [rẽ'dẽgɐ] nome, masculino. É a parte do corpo situada entre a cintura e a virilha. “*Esse piquenozinho só usa o calção no rendengue... Levanta essa roupa, piqueno!*”
- Sábado da Virgem!:** ['sabɐdudavirgẽ] Tipicamente abaeteense, esta expressão equivale a “Cruz credo!”. “— *Lá vem o velho Camões... Disque ele vira labizonho...*”, “— *Sábado da Virgem!*”
- Sumano:** [su'mɐnu] nome, masculino. Forma de tratamento muito comum na Amazônia. Amigo, parceiro, colega, companheiro. “*Mas sumano, o senhor viu a cara que ela fez quando pegaram o marido dela na buate?* “
- Tapera:** [tɐ'perɐ] nome, feminino. Lugar deserto, onde outrora houve moradores. Lugar abandonado. “*Abaeté ficou tapera no Círio de Nazaré.*”
- Teba:** [tɛba] adjetivo, grau normal. Grande, forte, avantajado. “*Essa m[ĩ]nina tem uma teba de uma testa!*”
- Xinfrim:** [ʃĩ'frĩ] adjetivo, grau normal. Ver xué.
- Xué:** [ʃu'ɛ] adjetivo, grau normal. Fajuto. De má qualidade. “*É um sapato xué, tu não acha?*”

Zito: [ˈzitu] adjetivo, grau normal. Diminutivo que significa “pequeno”. “Era um camarãozinho miúdo. Um bocado de aviú...”, “Esse carro é zito.”

4.2 - Reflexão sobre alguns fenómenos linguísticos do linguajar abaetense

Da análise do glossário antes apresentado e do conhecimento intuitivo de duas das autoras deste artigo, podemos concluir que o vocabulário do povo abaetense apresenta marcas de regionalismo, resultantes da mistura de falares, o indígena com outras línguas que foram chegando ao longo dos tempos como, por exemplo, as palavras *açaí*, *manicoba*, *abaetetuba*.

Além do vocabulário e das interjeições típicas do caboclo, existem alguns processos que afetam o falar deste povo, quer na oralidade quer na escrita. Várias expressões sofrem transformações, havendo incorreções, erros, as chamadas corruptelas, como em <disque> [ˈdiʃki], <antes sesse> [ɛ̃tʃiˈsɛsi], <paresque> [paˈrɛʃki].

A nível fonológico, os traços mais comuns podem ser ilustrados nos seguintes exemplos:

- (1) uso de “r” pelo “l” em final de sílaba e nos grupos consonantais
 - (a) pranta [ˈprɛ̃ta] (para *planta*)
 - (b) broco [ˈbrɔku] (para *bloco*)
- (2) alternância de [ʌ]/[i]
 - (a) [mu]ˈɛ (para *mulher*)
 - (b) [ˈvɛju] (para *velho*)
- (3) redução dos ditongos
 - (a) caxa [kaʃa] (para *caixa*)
 - (b) pexe [ˈpɛʃi] (para *peixe*)
- (4) desnasalização das vogais postônicas
 - (a) home [ˈɔmi] (para *homem*)
 - (b) onte [ˈõtʃi] (para *ontem*)
- (5) redução do [i] ou [o] átonos
 - (a) [ovɔ] (para *ovo*)
 - (b) [bɛbi] (para *bebê*)
- (6) redução do “r” do infinitivo ou de nomes terminados em “or”
 - (a) amá [aˈma] (para *amar*)
 - (b) amô [amˈo] (para *amor*)
- (7) tendência a tornar paroxítonas as palavras proparoxítonas
 - (a) arve [ˈarvi] (para *árvore*)
 - (b) figo [ˈfigu] (para *figado*)

(8) assimilação do “ndo” em “no” ou do “mb” em “m”

(a) falano [fa'lanu] (para *falandó*)

(b) tamém [ta'mẽ] (para *também*)

No que se refere a nível sintático, algumas incorreções evidenciam-se também neste falar, parte delas já enraizadas e sentidas como naturais por quem as produz (ou oral ou escrito), tal como as que os exemplos mostram.

(9) simplificação da concordância

(a) as menina (para *as meninas*)

(10) ausência de concordância verbal quando o sujeito vem depois do verbo:

(a) Chegou duas moças (para *Chegaram duas moças*)

(11) uso do pronome pessoal tônico em função de objeto (e não só de sujeito)

(a) Nós pegamos “ele” na hora (para *Nós pegamo-lo na hora*)

Morfologicamente, a flexão verbal tende a ser apenas composta por duas formas, uma para a primeira pessoa do singular e outra para as restantes três pessoas, sendo já o paradigma reduzido de três para duas pessoas.

(12) simplificação da conjugação verbal

(a) eu amo, você ama, nós ama, eles ama

(b) eu cambo, você cambia, nós cambia, eles cambia

5 - *Considerações finais*

Diante do que foi exposto, podemos observar que a língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

Este estudo contribui para o motivar de estudantes e futuros investigadores na área da linguística para um mundo ainda por desvendar, que é a especificidade linguística de falares amazônicos.

Assim, concluímos que um rico vocabulário como o do caboclo amazônico, deve ser observado e valorizado diante deste mundo globalizado. E que essas expressões e outras palavras são exemplos do modo de falar do caboclo, mostrando a sua capacidade em criar e fazer

adaptações construindo assim um linguajar único. Por esta razão, não deixemos que a força esmagadora da cultura homogeneizada e pasteurizada destrua a nossa alma cabocla. Orgulhemonos dela, pois ela é aquilo que temos de mais autêntico.

REFERÊNCIAS

- Bechara, E. 2002. Moderna gramática portuguesa. Língua histórica e língua funcional. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 37-41
- Camelo, J. A. F. 1997. Norma linguística, desvio e erro. <http://ciberduvidas.sapo.pt/articles.php?rid=806> 30/04/1997, acessado em 12/10/10
- Cunha, C. & Cintra, L. 1994. Nova gramática do português contemporâneo. Os dialetos brasileiros. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, pp. 21
- Kristeva, Júlia. 1974. História da linguagem. Tard. Margarida Barahona. Lisboa: Eidições 70.
- Machado, J. R. C. 2001. Glossário Abaeteense. Ed. Alquimia.
- Mattoso, J Câmara Jr. 1978. Dicionário de linguística e gramática. 8ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Nery, Alfredina. Variações linguísticas: O modo de falar do brasileiro. <http://educacao.uol.com.br/portugues/ult1693u60.jhtm>, acessado em 04/06/10
- Prada, E. 2007. Vraiaçãolinguística e desvio de linguagem. <http://ciberduvidas.sapo.pt/pergunta.php?id=20950>, acessado em 12/10/10
- Pagotto, E. G. 2005. Variedades do Português no mundo e no Brasil. Cienc. Cult vol 57 n° 2 São Paulo Apr/June.
- Tarallo, F. A. 2003. Pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática.
- Teyssier, Paul. 1994. História da Língua Portuguesa. Trad. Celso Cunha. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- Travaglia, Luiz Carlos 1996. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no primeiro e segundo graus. São Paulo: Cortez, pp. 41-66.